

Borges, *Quase Infinito*

Cristina Perdomo

Borges e sua leitura de **infinitas ressonâncias**. **Borges infinito** em seus desdobramentos. Borges infinito nas suas provocações, Borges infinito a nos desconstruir. **Borges, enfim, sem fim... Infinito!**

Borges igual a si mesmo, Borges no encontro do outro que é (seu) Eu; que é Ele (o outro) Eu. Borges duplicado e duplicando ao infinito, no jogo de miragens de espelhos, de veredas que se bifurcam, de corredores de biblioteca, perdido, e se encontrando a partir do labirinto. Borges na escrita de seus contos, das suas ficções narrativas, cria mundos reais, irrealis e fantasmáticos.

Ele nos disse, numa entrevista, que os contos são para ele como uma ilha, onde ele vê as duas pontas, mas não vê o que acontece dentro da ilha, e esse espaço/tempo o recheia com sua imaginação, com suas criações, por vezes, irrealis, por vezes, familiares e autobiográficas.

Nos poemas, ele afirma falar de emoções, suas emoções: angústias, medos, amores, ódios. Os poemas (parodiando Blanchot) são quase aforismos, escritas fragmentadas, por momentos, obscuras, violentas, mas que, como um fragmento, já estão completas. Há um horizonte, um horizonte infinito que, ao mesmo tempo, termina e não se abre para ser penetrado.

Jorge Luis Borges habita uma esfera onde o tempo não segue suas regras, uma esfera onde a angústia se dissolve em infinitas bibliotecas. Sua obra é uma multiplicidade de espelhos, por vezes, espelhos quebrados, que refletem fragmentos de um universo insondável. Nesse universo borgiano, cada palavra remete a uma porta para o labirinto da existência humana. Em cada conto, Borges convoca os fantasmas da eternidade, que assombram o silêncio entre as linhas e nos leva à dúvida de conhecer o desconhecido ou permanecer sem ver, sem abrir os olhos para a luz.

A angústia, sentimento central para a psicanálise, é para Borges o grito explícito da dor e, ao mesmo tempo, o murmúrio

sutil de um enigma sem resposta, é a sombra de um paradoxo que espreita na penumbra. O peso do infinito recai sobre aquele que ousa se aventurar e buscar sentido em um universo caótico, onde os deuses são apenas reminiscências de velhas ficções. A angústia é o eco de uma interrogação eterna que ressoa em cada escolha, em cada ato, como tentativas vãs de capturar o inefável.

Borges caminha pelo mundo das formas e das ideias como aquele que sabe que, em última instância, tudo é ilusão. Ele nos faz sentir o abismo e a vertigem da realidade e do sonho entrelaçados, da certeza e do acaso nos passos do cotidiano. Nos mostra a vertigem da finitude ao nos levar a esse infinito incompreensível para nosso pobre pensamento.

A peça *Quase Infinito*, apresenta a leitura particular do mundo borgiano do João Lorenzon, a sensibilidade do João, mas, sobretudo, as emoções suscitadas nele, autor\ator em seu encontro\ reencontro com Borges. Uma bela partitura, uma bela execução.

O encontro com o Borges, de João Lorenzon, faz jus à premissa que a arte deve de ser como esse espelho que nos revela nossa própria cara. A Arte existe porque a vida não é suficiente. Viver um personagem é ir até o limite, desafiando nesse encontro os limites do Eu, mas também os limites eu\outro, eu\público.

O ator faz “*pular a Palavra*”. Li em algum lugar essa frase, não recordo onde, mas exprime o jogo da linguagem, o desdobramento da palavra em sua sonoridade, tirando-a do cárcere do sentido. A palavra poderia “*estar presa em uma casca de noz*”, mas o ator a liberta e a faz som, eco, ressonância, para ser “*a rainha do espaço infinito*”. Retomo neste texto (em itálico) falas da peça *Quase Infinito* para lançá-las em novas tramas de sentido.

Palavras, signos, símbolos e cifras simbolizam atos, simbolizam criação. Nunca perfeita, porque a perfeição traz o medo do fim atrelado a ela. Deixemos a perfeição para o além da vida, se é que há. Medo pela perfeição, ódio pela imperfeição. Alma que abriga os opostos, os contrários, como assinala Freud. Eles coexistem e não se excluem.

Demos, agora, lugar à palavra, esquiva ou certa, à palavra que multiplica os sentidos e ao mesmo tempo os anula. A palavra é também um som! Labirintos são os espelhos da alma. Labirintos que no processo psicanalítico tentamos transitar com a ajuda de um outro que, como um espelho, nos leva a olhar os

diferentes rostos: alguns despertam ternura, outros angústia e medo. Os jogos de ilusão, os jogos do engano, a caminhada do sujeito entre a realidade e o sonho.

Borges nos convida a entrar no próprio labirinto, labirintos que se desdobram em um reflexo de espelhos infinitos. Onde nos levam? A qual encontro? Vamos ao encontro do Minotauro; ele me aguarda ou eu o encontro? No corredor, no labirinto, nos perdemos ao nos encontrar com aspectos novos e desconhecidos de nós mesmos refletidos nos espelhos que nos espreitam. Aspectos também temidos, a dor do medo acompanha.

O Eu se dissolve em partículas, perco minha identidade tão duramente conquistada, minha memória se extravia, se perde. Isso é o mal ou isso é o bem? Me perco para me reencontrar. E enxergo, primeiro na penumbra da cegueira, depois de uma forma mais visível, outro eu conhecido\desconhecido, um outro eu que sou eu mesmo, um outro eu deformado, estranho e familiar, um outro eu transformado pelo encontro com a luz.

Os poetas falam da alma com conhecimento profundo. Um poeta chama ao encontro outro poeta, esta vez Fernando Pessoa:

“Toda a vida da alma humana é um movimento na penumbra. Vivemos, num lusco-fusco da consciência, nunca certos com o que somos ou com o que nos supomos ser” (*Livro do Desassossego*).

Outra frase, agora de Borges: “Ao recordar-se, não há pessoa que não se encontre consigo mesma.” E no poema *De los dones*:

Ao errar pelas lentas galerias
sinto às vezes com vago horror sagrado
que sou o outro, o morto, habituado
aos mesmos passos e aos mesmos dias.

O ódio – O nada – O Esquecimento –
– A Incomunicabilidade – O Jardim

São os espaços cênicos da peça *Quase infinito*.

O ódio

“O ódio cresce em mim”

Oh, sentimento constitutivo e intrínseco ao humano! Quanto trabalho você me obriga a fazer! Até tenho que exagerar o amor para TE aplacar ou ME aplacar.

O ódio como expressão da tensão narcisista. O ódio que destroi tanto objeto quanto sujeito. A agressividade como a tensão entre dois narcisismos. O inimigo aparece para me ajudar na tarefa de descarregar ou me libertar do ódio. *“Um homem pode ser inimigo de outro homem”*, mas, sobretudo, um homem pode ser inimigo de si mesmo.

O *“ódio me abraça”* e meu Eu está em brasas! O ódio queima.

E assim *“Eu me aproximo de meu desesperado fim”* – *“Ele se vira e eu o reconheço, ele tem o meu rosto, ele tem a minha dor.”*

Esta descoberta é da ordem do traumático, do inesperado, do que nos abre e fecha o horizonte. É ele um outro? Sou eu?

E, então, o desfecho do gozo onde morte e prazer se entrelaçam e produzem o paradoxo de *“uma felicidade fulminante”*! A felicidade me fulmina. A felicidade é tão intangível como a morte.

Tenho que fazer aqui um breve comentário sobre a música que acompanha esse momento da peça. Impactante! Trata-se do último movimento da *Nona Sinfonia de Beethoven: Ode à Alegria*. Nada mais certo para tirar a palavra da casca de noz e torná-la som! Nosso último movimento, possivelmente a morte, nos traz alegria, paz e fazemos desse momento um hino de vida. Contraditório? Não! Os opostos coexistem.

E logo após o **Nada**, o *“êxtase perante o nada”*. As pulsões cessam, as paixões também. Não há ódio, não há dor.

E se o nada se transforma em vazio ou em labirinto a ser decifrado? Porque não podemos esquecer que o Nada é também origem de tudo. O nada e o tudo do universo nos atraem para o precipício da vida.

Por isso o **Esquecimento** é ao mesmo tempo uma vingança e um perdão.

Se pensarmos o mundo e a realidade como um sonho comum, coletivo, chegaremos à conclusão de que o mundo é pura ficção. Há uma impossibilidade de simbolizar o Real. O Real se faz simbólico a duras penas e sempre fica um resto que escapa à simbolização.

Será a morte? Será que podemos pensar e simbolizar a morte?

A morte parece ter um sabor especial, nos anuncia Borges numa entrevista. Seria algo novo, mas impossível de compartilhar, de transmitir, de dividir com alguém. É aqui a Incomunicabilidade mais absoluta

Só podemos compartilhar pela palavra, e a morte não tem palavras, ela é única, ela é em si, mas a morte está ligada ao infinito. Ao para sempre. Não podemos entender o infinito. Só podemos rodear seu conceito, tentar uma aproximação com o medo de sermos engolidos pelo buraco negro do infinito.

O amor nos salva do precipício infinito.

A morte pega e o *amor te* pega.

Homem feito de solidão, de desamparo, mas também de amor e tempo. Homem “fuzilado” pelo raio fulgurante do inconsciente que denuncia seu movimento desejante. Mas que o deixa também em um lusco-fusco pela impossibilidade do conhecimento pleno.

Esses movimentos são contínuos, mas eles só se mostram e nos aparecem em momentos fugazes. “*O tempo parou, e pensei: estou morto? Estou louco? Estou no inferno?*” Pergunta e afirmação: a morte, a loucura, o inferno.

Só é nosso aquilo que morreu, só temos o que temos perdido.

Os objetos, criados por nós, não existem no mundo real. O objeto é sempre criação. É a imaginação radical como postula Castoriadis. Por isso, a frase freudiana, o objeto está perdido para sempre.

Há muitos homens dentro do mesmo homem e muitos infinitos dentro do mesmo infinito.

O outro nas palavras de Borges: “*Se esta manhã e este encontro são sonhos, cada um dos dois tem que pensar que o sonhador é ele. Talvez deixemos de sonhar, talvez não. Nossa evidente obrigação é aceitar o sonho.*”

Para concluir, o *poema Soy (Sou)* escrito por Borges em 1975 e que forma parte dos poemas de *A Rosa Profunda*.

Sou

Sou o que sabe não ser menos vão

Que o vão observador que frente ao mudo

Vidro do espelho segue o mais agudo

Reflexo ou o corpo do irmão.
Sou, tácitos amigos, o que sabe
Que a única vingança ou perdão
É o esquecimento. Um deus quis dar então
Ao ódio humano essa curiosa chave.
Sou o que, apesar de tão ilustres modos
De errar, não decifrou o labirinto
Singular e plural, árduo e distinto,
Do tempo, que é de um só e é de todos.
Sou o que é ninguém, o que não foi espada
Na guerra. Um esquecimento, um eco, um nada.

É nesses momentos em que **Quase** tocamos o **Infinito**. “*Se eterniza um gesto inacabado*”; “*A abelha congela suas asas no ar.*”

Nesse instante, as coisas cristalizam. Onde está Deus? Onde está a garantia de proteção eterna? Se Deus não existe, não há transcendência, não há além da vida. O além da vida é a morte.

A morte é uma aventura, o fim do labirinto invisível. “*Eu quero morrer!!!/Não me deixa morrer!!!*” repete o ator em um gesto desesperado na sua solidão. Se transforma em grito para ser ouvido, para ser visto, para ser falado desde um outro.

E por último **O Jardim (Gan – Edem)** onde se entretecem a origem e o fim, o novo e o velho, a vida e a morte, “*o jardim de tempos infinitos*”, os opostos se encontram e nos encontramos no jardim.

Um novo nascimento é possível: “*eu me vi nascer.*”

Um jardim de amores e ternuras infinitas, um jardim de perdas e mortes infinitas, um jardim de vidas infinitas.

Qualquer semelhança com o processo de análise não é mera coincidência.

E, como resumo da peça *Quase Infinito*, brinquemos com aforismos:

O luto pela morte – A luta pela vida

O luto pela vida – A luta pela morte

O luto pela palavra – A luta pela palavra

A palavra – A vida – A morte